ALGUMAS NOÇÕES ELEMENTARES DE LÓGICA

LUIZ SERGIO COELHO DE SAMPAIO

Rio - Maio - 1985

Ao muitos que não amarelaram, extensivo aos que o fizeram, mas em tempo descoraram, e, ain da a esse ou aquela, que se disponha, quem sabe lá um dia, ir do amarelo ao rubro...ou até menos, apenas a um ligeiro róseo de ver gonha.

Dentre os primeiros, com especial carinho a A.R.M.C.H.S.S.R.C.e E.

A Lógica, senhores, é coisa muito séria;
não a deixem só a seus profissionais, tanto quanto, já foi dito, a guerra aos generais, e, o que não se disse — seria a censura?! — o Espírito à posse e exclusivismo da Cúria.

Abaixo o livro encadernado! pense e use a XEROX, enquanto rode, mesmo por segundos ou fração, ainda assim pense, e tão pronto, emende tudo à mão.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem um objetivo bastante preciso e limitado: servir de leitura introdutória ao nosso trabalho *Informática e Cultura*. Este último é uma tentativa de reler a história universal (diríamos melhor, embora paradoxalmente, da história universal da Cultura Ocidental), tomando por fio diretor a Lógica. É lá e não aqui, o lugar de discutir o valor desta tese; reiteramos: nosso objetivo é tão só o de trazer à atenção e reflexão do leitor alguns aspectos mais gerais da Lógica, sem o que o esforço desenvolvido naquele trabalho correria o risco de perder sua justa compreensão.

Os principais aspectos de Lógica a serem aqui considerados estarão grupados em quatro capítulos, além desta Introdução. No primeiro capítulo, abordaremos a própria noção de Lógica, questão que nos remete, de modo quase direto, à problemática de relação

entre Lógica e Realidade; segue-se uma breve exposição das Lógicas fundamentais e das lógicas compostas que delas derivam; o capítulo encerra-se com uma discussão sobre a lógica da subjetividade e da discursividade.

O capítulo dois tratará dos critérios e quadros alternativos para a classificação das lógicas. No terceiro capítulo estarão expostos três temas suplementares, todos referentes à relação da Lógica com outros saberes. Por derradeiro, no capítulo quatro, daremos algumas indicações acerca do caráter arquetípico das lógicas.

1 - A LÓGICA

A Lógica é assunto sério, tem a ver com tudo, com o todo como tal e cada um, não se podendo relegá-la só aos seus profissionais. Escolas e notações, autoridades e seus olhares de assentimento ou reprovação sempre assustam um pouco; mas quanto delas fica de sério e quanto se vai, como se vão as novelas, depois que o tempo fez seu paciente serviço? Se isto, é hora de pôr mãos à obra. Vejamos o que se pode, para começar, ir logo-fagiando.

Partimos, não de considerações teóricas, mas de uma vivência a nós irrecusável: de um lado, a intuição de que o ser-lógico, o que é o mesmo, o pensamento, está na raiz de todo *Ser*, conseqüentemente, na raiz de todas as problemáticas, tanto objetivas como subjetivas, tanto individuais como coletivas. De outro lado, a constatação da marginalidade teórica e prática da ciência do lógico, ou, simplesmente, da Lógica; marginalidade esta, de certo

modo, realimentada pela própria "classe" dos lógicos profissionais.

Se atentarmos para o fato que, de algum modo, a Lógica funda o Ocidente; e que grandes filósofos de nossa época identificam, na parcialidade lógica do Ocidente, a própria origem de suas persistentes mazelas, como é o caso, por exemplo, de Heidegger |4| e K. Axelos |1| e mais, que os grandes pensadores modernos tiveram que ser grandes inovadores no campo da Lógica, tais como Kant, Fichte, Hegel e Husserl, Freud/Lacan, não há como fugir à conclusão de que a inquietante vivência, acima mencionada, deve ser examinada com profundidade e igual seriedade. Onde estarão as raízes desta situação paradoxal, e, para quem a vive realmente, tão desconfortável?

Parece-nos que o primeiro grande problema situa-se na própria perda do lógico como objeto da Lógica. Que é o lógico e sua extensão, se é que ele de fato existe? Na alternativa de não existência, a Lógica seria apenas um ramo elementar das Matemáticas; isto é, das linguagens (ou estruturas) formais. Nesta circunstância, só secundariamente constituir-se-ia em assunto de se buscar e perscrutar, sendo sim, primordialmente, algo de se inventar; e, em nenhuma hipótese, seria algo para se interpretar, a não ser que admitíssemos que ela não passa de um simples jogo. Pensamos que sobre isto não poderia existir dúvida, pois, *se duvido, pelo menos eu penso*, diria Stº Agostinho, e, conseqüentemente, haveria, pelo menos, a possibilidade de um pensar do pensar, uma Lógica Transcendental. Admitindo-se, o que não é muito,

que outros pensem também, então, como o fazem ou como deveriam fazê-lo bem, constituir-se-ia, inequivocamente, naquilo que estaria por ser visado por uma Lógica objetiva.

O que vem ocorrendo, fato largamente assumido e reforçado pelos lógicos profissionais, é justamente a trans-substanciação da Lógica em Matemática, o que revela um enorme contra-senso, e mais que tudo, uma verdadeira deserção. Aliás, se aceitarmos que toda ciência começa quando acha seu objeto, que dizer da Lógica atual, que justamente a perder o seu?

É muito grave, pois, o que vem ocorrendo com a Lógica. Lógica não é Matemática; ela tem *objeto*, e este é o pensamento, no todo ou ainda que parcialmente. Poder-se-ia perguntar se não estaríamos com isso voltando ao psicologismo. Não, obviamente, nos termos em que o psicologismo traduz um posicionamento empirista ingênuo. Redefinindo o psicologismo, suprimindo-se o *ismo* ideológico, é claro que, de algum modo, Lógica e Psicologia da Percepção e do Pensamento são parentes próximos, e muito (Vide Spencer-Brown |11|).

Um outro problema que, de certa forma, é uma conseqüência do acima considerado, é o afastamento da Lógica daquilo que poderíamos denominar genericamente de Ciências Humanas, especialmente da Política e da Psicologia, sem falarmos da Teologia. Quando a aproximação ocorre, é em termos inquisitoriais, a Lógica indagando apenas sobre a validade lógico-formal do discurso dos referidos saberes, jamais atuando cooperativamente. Um desdobramento quase

automático desta problemática é a cisão entre o que poderíamos chamar lógicas da identidade ou totalizantes (Lógica Transcendental, Lógica Dialética e outras variedades mais ou menos implícitas nas Ciências Humanas) e as Lógicas da Diferença (incluindo-se a Lógica Clássica e as dela desviantes, ou heterodoxas). (A propósito vide Newton da Costa |2|).

De modo geral, não se comunicam os lógicos profissionais (lógicos da diferença) e os filósofos que tratam das lógicas da identidade vinculadas às problemáticas do Fenômeno, do Sentido, da História e do Ser Subjetivo, Pessoal ou Social. Existem, é verdade, algumas iniciativas de formalização da dialética, mas que tentam fazê-lo com o sacrifício de sua especificidade.

A conseqüência de tudo isso é que a Lógica passou a ser um campo de especialistas, deixando, cada vez mais, de ter uma projeção no que poderíamos chamar cultura comum do cidadão. Pelo papel que a Lógica, histórica e fundamentalmente, joga na estrutura cultural do Ocidente, esta situação afigura-se como uma evidente fraqueza. O esquecimento da questão do *Ser*, que, segundo Heidegger, nos fornece o fio diretor da compreensão da trajetória do pensamento ocidental, a nosso juízo, não é nada mais que a outra face do esquecimento da questão da Lógica.

1.1 - O QUE É A LÓGICA

Partimos do fato de que existe uma certa dificuldade para que chegemos ao pleno reconhecimento do *Ser-Lógico* como tal, por con

seqüência, no reconhecimento da Lógica como um saber semi-autônomo e fundamental.

Historicamente, a Lógica aparece mesclada com o saber do simbólico: a Lógica nasce entre os gregos visando algo lingüístico, o discurso demonstrativo; porém, no caso dos estóico-megáricos, o faz com abstração do sentido das proposições como um todo; e no caso de Aristóteles, com abstração do sentido de sujeitos e predicados. Mas atentemos: que se quer dizer com o estudo de algo simbólico em que se abstrai justamente o sentido? Que quer dizer, afinal, "o sentido menos o sentido"?

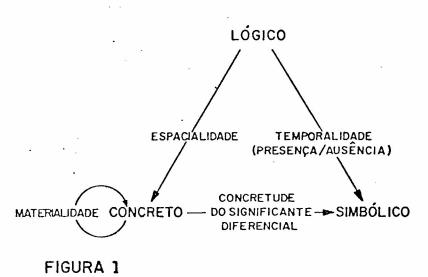
Contemporaneamente, F. Gonseth caracteriza a Lógica como física do objeto (concreto) qualquer; o qualificativo "qualquer" contextualmente indicando que do objeto físico se está justo subtraindo a materialidade (o termo mais apropriado seria a concretude). Se a Física trata do concreto, que quer dizer Lógica como Física da qual se subtrai a concretude? Que quer dizer afinal "o concreto menos o concreto"?

Como sair destes embaraços? Deles só sairemos partindo para uma adequada estratificação ôntica do mundo objetivo. O que está por trás disso são as famigeradas dicotomias alma/corpo, espírito/matéria, cultura/natureza que não deixam espaço para o reconhecimento do *Ser-lógico* enquanto tal. É verdade que Hegel |3| já enxergara onde a dificuldade e como resolvê-la; sua *Enciclopédia Filosófica* estrutura-se em três grandes capítulos ônticos: Lógica, Filosofia da Natureza e Filosofia do Espírito (Cultura). Mas

quantos já chegaram a ouvir isto, e mais, tendo ouvido, conseguiram escapar às recaídas?

O lógico é primeiro, nele radicam, como bem viu Kant, a temporalidade e a espacialidade entre outras noções fundamentais. O concreto não pode prescindir do lógico: ele emerge da confluência do lógico (temporalidade/espacialidade) e da concretude, em particular, da materialidade. E por último, o simbólico deriva da síntese do lógico — que lhe proporciona a sub-estrutura fundamental da presença/ausência onde poderão se alternar significante e significado — e do concreto — substrato de todo significante (necessariamente diferencial); vide Figura 1.

ESTRUTURA DAS REALIDADES OBJETIVAS

FIGURA 1

Assim armados, podemos retornar às paradoxais conceituações anteriores. Na primeira, a grega, a caracterização do Lógico como o Simbólico de que se subtraiu o simbólico, deve ser entendida como:

Simbólico em sua totalidade — Especificidade do Simbólico = Lógico

ou ainda,

Simbólico como tal — Substancialidade do Simbólico = Lógico (Forma do Simbólico)

Paralelamente, na conceituação contemporânea de Gonseth, o concreto, cuja concretude é posta à parte, deve ser lida como:

Concretude em sua totalidade — Especificidade do Concreto (inclui a Materialidade) = Lógico

ou ainda,

Concretude como tal — Substancialidade do Concreto = Lógico (Forma do Concreto)

e com isso, acreditamos, a clareza estabelece-se acerca da relativa subsistência do lógico como tal, e, por conseqüência, da justificativa de uma "ciência" do lógico, a Lógica, como saber autêntico e não como mero jogo de convencionalidades.

1.2 - Lógica e Realidade

Estamos aqui ante o velho problema da "relação" entre o ser e o

pensar ou, em sua versão moderna, ante a questão do comprometimento ontológico da Lógica. Quanto a este particular, já nos decidimos no item anterior. Resta entretanto o velho problema da "relação" entre lógico (pensamento) e ser (realidade), entre ser e pensar. Para Parmênides, a solução era simples e radical: *ser e pensar são o mesmo*. Podemos sustentar hoje a mesma resposta? Temos que qualificá-la ou condicioná-la antes de a adotarmos?

Heidegger sustentou que ser e pensar,se co-pertencem, que é uma degeneração afastá-los; e culpa Platão (nós incluiríamos muitos outros) por este desvio. Mas indagamos nós: mesmo afastados,não fica ainda algum pensamento e alguma realidade por ele visada? Por certo que sim; neste caso não seria melhor dizer que estamos não ante um desvio mas ante uma alternativa de pensar, embora não tão originária? Esta é justo nossa posição. Para nós o homem é capaz de vários modos de pensar — tantos são estes, tantas serão as lógicas possíveis — a cada pensar correspondendo um certo modo de ser-pensado ou de realidade. Assim, concordamos com Parmênides e Heidegger em que há um pensar e um ser originários, onde ambos de certo modo são o mesmo, na terminologia do primeiro; onde ser e pensar se co-pertencem, na terminologia do segundo. A este modo particular de pensar denominamos fenomênico. Entretanto, discordamos de Heidegger quando afirma que outros tipos de pensar, o pensar objetivo das ciências modernas, por exemplo, sejam um modo degenerado de pensar; trata-se, no exemplo, apenas de um pensar diferente, onde ser-objetivo e pensar-objetivamente não guardam mais, é fato, aquela proximidade originária. Lá, na origem, a verdade denominava-se *alētheia*, aqui *adequatio*.

Mas, por acaso, não podem existir outros modos de ser e pensar, e, conseqüentemente, outras verdades? Amor como verdade não seria, por exemplo, um destes modos?

Em suma, a nosso juízo, necessariamente ser e pensar se correspondem, havendo tantos modos de ser-real (de realidades) quantos são os modos de pensar, por conseqüência, de variedades lógicas.

As afirmações acima ainda podem parecer um pouco dogmáticas, mas esperamos que o leitor, no correr deste trabalho, delas vá progressivamente se convencendo.

1.3 - Lógicas Fundamentais

Entendemos por lógicas fundamentais aquelas que não podem ser geradas por síntese a partir de outras lógicas. Duas são as lógicas fundamentais: a Lógica Transcendental (da simples identidade) e a Lógica da Simples Diferença (abreviadamente, Lógica da Diferença).

A Lógica Transcendental confunde-se com o saber sobre a capacidade de ser consciente, sem qualquer qualificativo; em suma, lógica da *res cogitans* em sua mais estrita essencialidade.

Sartre |10|, na introdução de sua obra *O Ser e o Nada*, nos diz que:

> *... a condição necessária e suficiente para que uma consciência conhecedora constitua-se como conhecimento*

de seu objeto, é que ela seja consciência dela mesma como sendo este conhecimento.

(Sartre |10|)

Podemos extrair o fundamental desta citação com a seguinte paráfrase simplificadora:

a consciência de um x qualquer é necessariamente idêntica à consciência da consciência deste mesmo x qualquer.

Vê-se assim, que, primeiro:

a consciência tem uma natureza operatória, exige um argumento para se atualizar, o que é indicado pela preposição "de": toda consciência é necessariamente consciência de ... Em outras palavras, não faz sentido falar em uma consciência pura, substantiva; ela é, por conseguinte, fundamentalmente ação.

Vê-se ainda que:

a especificidade operatória da consciência é a reflexividade, vale dizer, há consciência de, se e somente se, há consciência de consciência de. Devemos enfatizar que não se trata aqui de uma operação reflexa, operação que pode, "a posteriori", atuar sobre seu próprio produto; ela é sim reflexiva na medida em que a atuação de sua atuação em nada difere de sua própria atuação.

O aspecto reflexivo caracteriza a consciência como produtora de

identidade, melhor diríamos instauradora de identidade, inclusive da auto-identidade; daí porque denominamos o saber da consciência de "lógica da simples identidade" — qualificamo-oa de "simples" para não confundir com outras lógicas produtoras de identidade que veremos adiante. Podemos dizer ainda que trata-se da lógica instauradora do sujeito, do "pensar-se pensando", enfim, lógica da própria lógica.

Observe-se que, em Matemática, a operação E tal que E(E) = E ou $E^2 = E$ denomina-se, com justa propriedade, operação identidade.

Denominamos também a lógica da consciência de Lógica Transcendental, seguindo a terminologia já adotada para Kant, Fichte e Husserl ou ainda, lógica da identidade dinâmica, conforme alternativamente denomina-a Fichte. A justificativa do termo Transcendental é mais ou menos óbvia, na medida em que a lógica da consciência é a lógica do pensar-se enquanto necessariamente pensando algo que se lhe contrapõe, síntese ativa da imanência e da transcendência.

Se existe uma correspondência estrita entre realidade e pensamento, então, que visa a consciência, o pensar transcendental? Visa tão somente a realidade como ser. Nesta condição podemos caracterizar a Lógica Transcendental como lógica da abertura, a Lógica do pensar fenomênico (preferimos este termo ao tradicional "fenomenológico"). A Lógica Transcendental é assim lógica fundante, é auto-instituidora da separação entre pensar e ser, porém não os afastando; como diz Heidegger, deixando-os em estado

de co-pertinência. Temos aí o mínimo pensar, mas, também, o mínimo distanciar-se; lógica da simples e pura abertura ao ser, antes de qualquer atitude atributiva ou valorativa, antes mesmo de qualquer investida descritiva (o que, a propósito, contraria um pouco as pretenções husserlianas de um saber fenomenológico descritivo).

Como o Ser é ser-presente, concomitantemente ao seu próprio apresentar-se, seu horizonte é ele mesmo e mais Nada e a isto, Ser e Nada, chamamos temporalidade; é óbvio que o ser-presente se abisma no Nada, ou, alternativamente, o ser-presente se dá num horizonte subjacente de temporalidade. Por tudo isto, dizemos também que a Lógica Transcendental é também lógica da temporalidade, temporalidade que, sem se confundir com o tempo físico, constitui-se como seu fundamento necessário; do mesmo modo, ele é temporalidade subjetiva que não se confunde com a temporalidade objetiva da História, mas também desta constitui, sem exclusividade, fundamento.

Por fim, podemos ainda identificar a Lógica Transcendental como lógica do projeto, do ser que se pretende ser; lógica do que apenas fala, pois quem ouve e fala dialoga e não projeta, tanto quanto quem apenas ouve ou nem ouve nem fala.

Desse modo podemos estabelecer a seguinte estrutura nocional:

Consciência ou Capacidade Operatória Transcendental } - Visa → { O Ser enquanto tal, Ser-Presente no horizonte de temporalidade; este que nada mais é que o próprio Ser e Nada

↑ Saber Sobre

Lógica Transcendental ou da Simples Identidade

Que outra operação mental poderia haver além da consciência e que a ela não se reduzisse ou dela derivasse por síntese, e que, assim, poderia também receber o qualificativo de fundamental?

Não é preciso um grande esforço imaginativo para chegarmos a conclusão que uma alternativa se impõe, e que ela nada mais é que nossa capacidade de diferenciar, ossatura subjacente a tantas outras capacidades elementares, tais como atentar para, segregar, recortar, discriminar, afirmar, marcar ou ainda mesmo, vistas pelo avesso, das capacidades de negar, recusar, transpor, etc. Ao saber sobre esta capacidade diferenciadora denominamos Lógica da Simples Diferença e caracterizamo-la formalmente afirmando que ela é governada pelo princípio da contradição, melhor diríamos, princípio da negação.

A tradição lógica formula o princípio da contradição do seguinte modo: não é possível algo e não-algo ao mesmo tempo. Consideramos que esta é uma formulação equívoca, que além da simples possibilidade de negação ou segregação, subrepticiamente, exclui qualquer terceira alternativa o que não está no escopo estrito da idéia de negação. Assim, preferimos formular o princípio de modo mais abrangente: não é possível algo e não-algo ao mesmo tempo e/ou necessariamente algo e/ou não-algo também ao mesmo tempo. Concordamos que esta formulação é, à primeira vista, complicada, mas podemos apelar à intuição do leitor dizendo que a operação de diferenciação, negação ou recorte, como se queira, exerce-se sobre o produto da operação de consciência; é impensável discriminar algo que não se caracterize antes como ser-presente.

Já dissemos anteriormente que o ser-presente necessariamente se abisma no Nada, de sorte que, ao produzirmos um recorte no ser-presente, forçamos o Nada a ficar dentro ou fora, de um lado ou de outro. É verdade que poderíamos tão simplesmente desconsiderá-lo, deixando que o recortado se apoiasse ou definisse em contra-posição ou não-recortado, e vice-versa, ou que um lado se apoiasse ou definisse contraposto ao outro. Porém, esta é uma decisão suplementar, não implícita na simples decisão de segregar. Torna-se uma conseqüência disso que a operação de segregar ou negar não é perfeitamente simétrica. Por exemplo, o que é recortado não é perfeitamente simétrico ao que lhe desborda: o primeiro é completamente limitado, o segundo só o é necessariamente de um lado, aquele limítrofe ao recortado.

É fato que podemos simetrizá-lo, isto, contudo, exige uma operação suplementar, posterior, de colocação do Nada fora de jogo. Este por fora de jogo, veremos mais adiante, é que caracteriza o chamado princípio do terço-excluso, princípio que pressupõe o princípio da contradição mas muito lhe excede em determinação.

Voltando à questão original da simples diferença, defrontamo-nos com duas alternativas exclusivas com respeito à questão do Nada. A decisão por um dos dois lados vem justamente caracterizar duas variantes básicas de Lógicas da Diferença. Se o Nada fica do "lado de dentro" do recortado, abre-lhe um horizonte alternativo ao horizonte externo, diríamos metaforicamente, um horizonte interno, possibilidade de um vir-a-ser diferente do que é, que obviamente, só pode emergir do que não-é. Em suma, o ser-presen

te ao ser recortado deixa-se trespassar pelo paradoxo, o ser e não-ser simultaneamente. É justo por isto que o saber sobre este pensar específico é denominado Lógica do Paradoxo ou em linguagem mais técnica, Lógica Para-consistente.

Se, alternativamente, o Nada é deixado do "lado de fora" do recortado, abre-lhe um horizonte suplementar, desta feita, um horizonte de horizonte, por que o não-recortado já se constitui ele próprio num horizonte; em suma, abre-se um lugar para além do que é e do que também não-é, onde não vigora a exclusão de um terceiro lugar único de onde pode vir à luz a intuição. Ao saber deste especial pensar denominamos Lógica Intuicionista, ou, em linguagem mais técnica, Lógica Para-completa.

Em que modalidade é visada a realidade pelo pensar da diferença, indagaríamos. Fundamentalmente, como espacialidade, a realidade como *res extensa* em contraposição à *res cogitans* comprometida com o pensar transcendental, pensar da simples identidade.

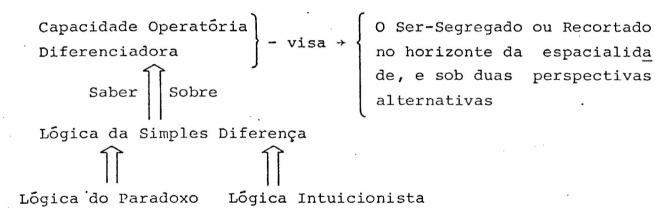
Justificamos: é inconcebível a espacialidade sem a possibilidade da troca de lugar, sem lugar para algo e lugar de onde se lhe vise, vale dizer, para que se instale algum ponto de vista; em resumo, a espacialidade exige no mínimo a dualidade, o que é o mesmo, a diferença.

No plano subjetivo, contrapondo-se à Lógica Transcendental ou lógica da consciência, lógica do mesmo, só poderia estar a Lógica da Diferença, a lógica do in-consciente, enfim, lógica do "outro".

É a lógica do pensar criativo, operante desde a poesia, a loucura, do deixar-se pensar, do calar e só ouvir.

Dizem-nos os modernos pensadores de psicanálise: o inconsciente é organizado como linguagem, formalmente, como jogo de diferenças, conseqüentemente lá não há centro, não há origem, lá não vige a temporalidade; nada mais exato e claro.

As duas alternativas básicas da Lógica da Diferença, Lógica do Paradoxo e Lógica Intuicionista, não por mero acaso, governam exatamente os dois processos fundamentais do trabalho (operatório) do inconsciente: respectivamente a condensação e o deslocamento.

Encerrando este item podemos estabelecer a seguinte estrutura nocional referente à operação de diferenciação:

1.4 - As Lógicas Básicas

Consideramos como lógicas fundamentais apenas a Lógica Transcendental (da identidade) e a Lógica da Simples Diferença, no pres-

suposto que todas as demais lógicas delas derivam por uma operação de composição sintética. Vale observar que por composição sintética entendemos não um mero produto formal, semelhante ao produto cartesiano da Matemática, mas sim uma verdadeira síntese no sentido dialético ou hegeliano do termo. É uma síntese produtiva, que, ao mesmo tempo que suprime seus elementos, faz surgir algo de novo, que, sujeito a uma operação de abstração, deixa ver conservados os elementos que lhe deram origem. Como síntese não formal, admite diferentes graus de atualização ou realização.

Por razões que só no Capítulo 3 poderão ficar inteiramente claras, denominaremos lógicas básicas ao conjunto das quatro lógicas formado pelas lógicas fundamentais e pelas duas lógicas compostas que delas derivam por composição sintética com a Lógica da Simples Diferença. Estas lógicas compostas serão pois a síntese da Lógica Transcendental com a Lógica da Diferença, denominada Lógica Dialética e a lógica síntese da Lógica de Simples Diferença com ela mesma, denominada Lógica Clássica ou Aristotélica.

Consideremos inicialmente a Lógica Dialética, lógica da identidade (síntese) da própria identidade e da (simples) diferença. Que é visado pelo pensar dialético? A primeira resposta é que ele pensa o simbólico.

Para que se nos apresente o simbólico temos precisão do concurso do pensar da diferença capaz de determinar este significante como distinto de outro significante, ao mesmo tempo que exige-se o

concurso do pensar de identidade ou transcendental que estabelece o eixo presença/ausência (Ser/Nada) onde poderão alternar-se significante e significado. Em outros termos, o simbólico é síntese da *res cogitans* responsável pela conexão significante/significado e da *res extensa* responsável pelo suporte concreto do ser-simbólico; o ser-simbólico aparece no "espaço" de síntese da temporalidade (não do tempo) e da espacialidade (não do espaço).

Esta, em suma, é uma das maiores contribuições de Platão à filosofia: a descoberta do pensar dialético como o pensar próprio à idéia ou ao conceito como realidade autônoma, como um autêntico modo de ser.

Mas não é só: a dialética também visa outra realidade, e agora a descoberta cabe a Hegel. O pensar dialético é o modo de pensar propriamente a História.

Se a Lógica Transcendental é a lógica da temporalidade, do tempo subjetivo, a síntese desta lógica com a Lógica da Diferença, de certo modo, "outreifica ou objetiva" esta temporalidade, e o resultado é o surgimento de uma lógica da temporalidade "objetiva", daquilo que unifica ou totaliza todos os acontecimentos e onde podem caber todas as durações: a História.

Podemos re-dizer tudo isto de múltiplas maneiras. Vejamos: o acontecer histórico se dá pela confluência e totalização das unidades intencionais ou projetos. Se houvesse apenas um projeto, não haveria História, tanto quanto se houvesse projetos que não

se chocassem e no chocarem-se dissolvessem-se sem deixar suas marcas no que ao cabo acontecesse. Outro modo de dizer o mesmo, é dizer que as conjunturas (pseudo-estruturas) históricas, sejam elas políticas, econômicas ou culturais, são elas mesmas e sua própria negação na medida em que trazem em seu seio seus antecedentes e os determinantes de sua própria ultrapassagem.

Sendo esta a lógica do mesmo e do outro, constitui-se assim como lógica do diálogo como tal, lugar do falar/ouvir/falar/ouvir infinitamente aberto.

Sumarizando, a Lógica Dialética é o saber do pensar dialético, síntese da unidade e da simples diferença, própria para pensar a realidade como idéia ou conceito (Platão), como também, pensá-la como História (Hegel).

O esquema nocional relativo ao pensar dialético seria pois:

Capacidade Operatória Dialética } visa → { O Ser-Simbólico ou o Ser-Histórico, como totalidade, falta de qualquer horizonte

⇑ Saber sobre

Lógica Dialética

Consideremos agora a Lógica Clássica ou Aristotélica, Lógica da Diferença da Diferença.

Se a Lógica da Simples Diferença assenta sobre o princípio da

contradição, a Lógica da Diferença da Diferença, Lógica Clássica, ainda que parcialmente, nega ou neutraliza aquele princípio originário. Assim é, e o faz sob um duplo aspecto, ambos derivados da supressão do Nada em que se abisma o Ser.

Sob o primeiro aspecto, tudo, absolutamente tudo, fica despojado de sua capacidade operatória transcendental, incapaz de constituir-se como auto-identidade ou identidade dinâmica como diria Fichte, identidade morta, diríamos nós, sujeito ao clássico "princípio da identidade" expresso tão famigeradamente pelo A = A. Da identidade operatória, resta-lhe o resultado acabado, em suma, sua própria múmia. Não há quem salte muros.

Sob o segundo aspecto, a diferença numa diferença faz deste uma diferença num mundo fechado, em verdade, um pseudo-universo. Toda diferença nesta diferença arbitrária fica pois encerrada entre dois limites rígidos, por conseqüência, o mesmo ocorre ao não discriminado; estabelece-se assim uma perfeita simetria entre "o que é" e "o que não é", obviamente, naquele pseudo-universo. Esta situação, na linguagem da tradição, é expressa pela imposição do princípio do terço-excluso. Se discriminarmos um A qualquer, não-A fica absolutamente determinado, circunscrito por um lado pelo próprio A, de outro, pela pré-imposição de um pseudo-universo U. Nestas circunstâncias a negação de não-A, isto é, não-não-A, necessariamente identifica-se ao próprio A.

Assim completamos a caracterização da Lógica da Diferença da Diferença, ou Lógica Clássica: é o saber que visa aquilo que obede-

ce ao princípio da contradição (ou negação) condicionado, simultaneamente, ao princípio da identidade clássica (não há quem capaz de sobre-saltar-se) e ao princípio do terço-excluso (existe uma barreira pré-concebidamente intransponível).

Como podemos melhor precisar o que visa o pensar da diferença da diferença? Dizemos que o sistema, a espacialidade fechada, onde foi definitivamente abolida a temporalidade e, conseqüentemente, onde tudo é pré-visível. Não é pois de admirar que a Lógica Clássica seja o modo de pensar os sistemas (ou estruturas) matemáticas acabadas, que situam-se por trás de toda ciência clássica, esta, por trás de toda técnica, e esta enfim, por trás do econômico tornado sistema, sistema que tenta tudo dominar. É a lógica do totalmente previsível, lógica funerária do que definitivamente se cala e nada mais ouve. O Sistema, em suma, é um dos modos de ser da realidade, da realidade enquanto sua própria múmia.

O esquema nocional relativo ao pensar da diferença da diferença seria pois:

Capacidade Operatória Diferenciadora na pré Diferenciação } - visa → { O Ser-Sistema, necessariamente isento de qualquer horizonte

⇑ Saber sobre

Lógica Clássica

Dado o caráter mumificador do pensar da diferença da diferença, que podemos com justeza atribuir à vigência dos princípios de identidade (estática) e do princípio do terço excluso, não fica difícil aceitar que a realidade por ele visada reduz-se a uma forma, daí dizermos tratar-se de uma lógica eminentemente formal. Hegel diria tratar-se de uma lógica abstrata contrapondo-se à dialética, pensar do concreto (vivo).

Nestas circunstâncias, é possível uma composição abstrata desta lógica com ela mesma; em outros termos, é possível sua aplicação reiterada sobre seus próprios produtos. Como dissemos, trata-se de uma composição abstrata, vale dizer, cujas propriedades do resultado, a exemplo do produto cartesiano na Matemática, estão — embora em estado potencial — completamente contidos nos seus elementos componentes.

Já sabemos que o produto do pensar da diferença da diferença é o recortado ou segregado em um universo previa e arbitrariamente definido; logo, é algo que define dois estados excludentes dando conta da totalidade das alternativas.

Tradicionalmente, não foi visto assim. Pensou-se que este pensar aplicava-se exclusivamente a proposições, porém, proposições das quais abstraía-se o significado. Que ficava então? Algo suceptível de apenas dois estados: Verdadeiro e Falso. Assim as proposições, reduzidas a tal abstração, nada mais tornavam-se que recortes num inverso fechado.

Compreendido isto, podemos conservar a tradição, e dizer que o pensar da diferença da diferença, em seu nível mais elementar, trata de formas proposicionais, e por tal veio se denominar Lógica Proposicional.

A aplicação reiterada da operação da diferenciação formal, leva ao recorte de recorte, o que gera, naturalmente, quatro estados possíveis: que todo X seja Y, que algum X seja Y, que nenhum X seja Y e por fim que não todo X seja Y. Que temos então? A velha Lógica dos Predicados, onde são introduzidos os quantificadores (todo, algum, nenhum e não todo) que justamente caracterizam a relação entre, diferenciações (recortes) reiterados.

Poderíamos ter reiteração de reiteração de diferenciação? Por certo que sim, mas a tradição cultural superpôs a tal tipo de operação — que levaria precisamente a noção de conjunto e a uma possível Lógica dos Conjuntos (Finitos) — um outro tipo completamente diferente de operação, dependente da linguagem (passagem à infinitude). Com isto, "passou-se por cima" da possível Lógica dos Conjuntos Finitos chegando assim direto à Teoria dos Conjuntos, vale dizer, à Matemática.

Teríamos pois a seguinte hierarquia de saberes derivados do pensar da diferença da diferença.

Diferenciação (Em universo fechado) → Lógica Proposicional

Diferenciação da Diferenciação (Idem) → Lógica dos Predicados

Diferenciação da Diferenciação da Diferenciação (Idem) → "Lógica dos Conjuntos"

Operação Dependente da Linguagem (Passagem à Infinitude) → Teoria dos Conjuntos (Matemática)

Completaremos assim o quadro, quadrado das quatro lógicas básicas:

Lógicas Fundamentais	Lógica da Simples Identidade	ou	Lógica Transcendental
	Lógica da Simples Diferença	ou	Lógica da Diferença
Lógicas Compostas	Lógica Síntese das Simples Identidade e da Diferença	ou	Lógica Dialética
	Lógica da Diferença da Diferença	ou	Lógica Clássica

1.5 - OUTRAS LÓGICAS SINTÉTICAS

Formalmente não haveria, em princípio, razões para limitações ao processo de sintetização ascendente das lógicas.

Assim, a próxima lógica a ser conjecturada na cadeia ascendente que vimos percorrendo seria uma Lógica síntese das duas Lógicas compostas já consideradas, da Dialética e da Clássica. Sendo es

tas últimas sínteses das lógicas fundamentais, a nova síntese, a rigor, subsumiria todas as quatro lógicas básicas.

Que poderia visar o pensar que lhe serve de "objeto"? Seria aquela realidade que, por adequada abstração, se apresentasse ora como consciência (ou projeto) ora como in-consciente, e ainda, ora como história, ora como sistema (ou papel, elemento sistêmico). Que nome lhe daríamos então? Nada mais nada menos que realidade como ser-subjetivo, alternativamente, ser-subjetivo-pessoal, ser-subjetivo-social.

A lógica correspondente, síntese da identidade da diferença da dialética e da diferença da diferença, cognominamos Lógica da Subjetividade ou lógica do sujeito em sua globalidade.

Quais os princípios destas lógicas, poder-se-ia indagar? Como formalizá-la? Em hipótese nenhuma isto é possível, pois cairíamos num evidente paralogismo: como em certo sentido "objetivar" uma lógica comprometida com a "subjetividade" em sua globalidade? Tal, por conseqüência, só pode ser feito, ainda assim, parcialmente, em relação às lógicas básicas que ela subsume.

A rigor, é impossível uma Lógica da Subjetividade *Tout Court*, ainda que se deva admitir um pensar (um lógico) subjetivo global. O pensar subjetivo em sua globalidade só existe em estado operatório; síntese viva das quatro lógicas de base que ela subsume, sempre o imperativo de um operar estratégico, buscando o grau máximo de sua própria consecução.

Há ainda algo de excepcionalmente importante que pode ser pensado pela lógica síntese da identidade, de simples diferença, da dialética e da diferença da diferença, que não podemos deixar de mencionar: é a discursividade ou mundo do discurso. Atentamos para que o signo, degrau "um" do simbólico, é visado pelo pensar dialético, subsumindo o pensar transcendental e o pensar dá simples diferença. Mas o discurso, em verdade, se faz no âmbito da linguagem (discursividade) e esta não pode prescindir da linguagem (langue), vale dizer, do sistema simbólico (de um conjunto de signos e de um sistema de regras de sintaxe). Assim, vemos que a capacidade de discurso (discursividade) nasce da síntese da capacidade lógico-dialética e da capacidade lógico-sistêmica. Isto, transposto para o nível dos saberes, nos diz que a Lógica da Discursividade é a lógica síntese da Lógica Dialética e da Lógica Sistêmica (ou Clássica) e que, portanto, é do mesmo nível estrutural que a Lógica da Subjetividade Global. Como diz Lacan |5|, o discurso exige, primeiro, quem o enuncie, aquele que diz; em segundo lugar, o dito; em terceiro o que ainda poderia ser dito mas não o foi por uma arbitrária e prematura interrupção do dito, o impossível de ser dito; e, por fim, o dito sem ser-dito, o que duplamente podemos chamar inter-dito (de um lado porque está proibido de ser dito, de outro, porque se revela nas fraturas do que está dito). Se repararmos bem, cada uma destas exigências reclama seu pensar próprio, "objeto" de uma lógica específica, respectivamente Lógica Transcendental, Clássica, Dialética e da Simples Diferença.

Rematando, diríamos que a Lógica da Subjetividade global coinci-

de com a Lógica da Discursividade.

Resumidamente, temos o seguinte esquema nocional para o pensar da subjetividade em sua globalidade:

Capacidade Operatória
Síntese do pensar da
Ident., da Difer., da
Ident. da Ident. e da
Difer. e da Difer. da
Difer.

- visa → O Ser-Subjetivo Pessoal ou Social e ainda, alternativamente o Ser-Discursivo

Saber ⇑ Sobre

?

Existiria ainda outras lógicas compostas de maior nível? Abstratamente falando, sim, mas concretamente? Deixamos a questão em aberto pois isto nos levaria um pouco longe demais, mais precisamente, à Teologia, cuja relação com a Lógica será abordada adiante no Capítulo 4.

2 - CLASSIFICAÇÃO DAS LÓGICAS

Existem inúmeras propostas de classificação da Lógica, entretanto, não adotaremos aqui nenhuma delas em razão da superficialidade em maior ou menor grau dos critérios que as suportam. Vamos nos ater apenas a dois modos classificatórios, o primeiro de caráter hierárquico aberto e o segundo, restrito às lógicas básicas, estribado em considerações de simetria estrutural.

2.1 - CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA

As lógicas podem ser grupadas em estruturas hierárquicas, as de nível superior subsumindo necessária e totalmente as estruturas de nível inferior. Se às lógicas correspondem modos parciais de ser-real (realidade), por extensão, à cada estrutura hierárquica corresponderá um nível hierárquico da realidade. Arbitrariamente designaremos estes níveis pelos números naturais, começando pelo zero. Temos pois a seguinte ordem hierárquica das lógicas:

Nível 0

Lógica Transcendental (ou da simples identidade).

É a lógica que visa a realidade tão apenas como ser.

Nível 1

Lógica Transcendental, Lógica da Simples Diferença e Lógica Dialética (da identidade da simples identidade e da simples diferença).

Este é o conjunto das lógicas que visam a realidade, respectivamente como ser-lógico (forma), ser-concreto (ou material) e ser-simbólico; em suma, é o conjunto de lógicas que visam a realidade como ser-objetivo.

Nível 2

Lógica Transcendental, Lógica da Simples Diferença, Lógica Dialética, Lógica Clássica e Lógica da Subjetividade Geral (lógica da identidade, da simples diferença e da diferença da diferença).

Este é o conjunto das lógicas que visam a realidade, respectivamente, como ser-consciente (ou projeto), ser-inconsciente, ser-história, ser-sistema e ser-subjetivo propriamente dito, em suma, é o conjunto das lógicas que visam a realidade como ser-subjetivo, seja ele ser-pessoal, seja ser-social.

2.2 - CLASSIFICAÇÃO DAS LÓGICAS BÁSICAS

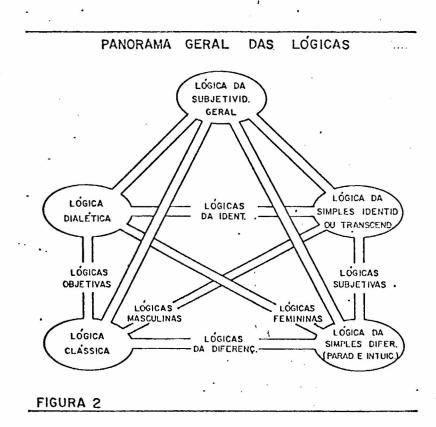
Além da classificação hierárquica aberta, podemos buscar uma

classificação alternativa em termos de eixos de simetria discriminando apenas as lógicas componentes das lógicas da subjetividade, que, como já sabemos, subsumem todas as demais até aqui consideradas.

Deixando provisoriamente fora a lógica síntese deste nível, isto é, a lógica do ser-subjetivo propriamente dito, as quatro lógicas de base podem ser classificadas como mostra a Figura 2.

Tomando-se por referência o eixo identidade/diferença, temos de um lado, o par Lógica Transcendental/Lógica Dialética, do outro, o par Lógica da Simples Diferença/Lógica Clássica.

PANORAMA GERAL DAS LÓGICAS

FIGURA 2

Pode-se, alternativamente, tomar o eixo operatório (subjetivo)/ argumental (objetivo) e ter-se-á, de um lado, as Lógicas Transcendental (como lógica da consciência) e da Diferença (como lógi

ca do inconsciente), e de outro, as Lógicas Dialética (como lógica da história) e Clássica (como lógica do sistema).

A que eixo discriminatório poderíamos atribuir os pares diagonais formados de um lado, pela Lógica Transcendental e Lógica Clássica e do outro pelas Lógicas da Diferença e Dialética?

Podemos com segurança dizer que este eixo existe não apenas como uma mera discriminação formal mas que é pleno de significação antropológica. De certo modo, acompanhando a terminologia lacaniana, diríamos que trata-se aqui do eixo masculino/feminino.

Justifiquemos: se bem atentarmos, como duração, só a mulher objetivamente subsiste. Elas saem umas das outras como se fossem uma vara telescópica. Cada mulher, de certo modo, é sua própria mãe e se vê subsistir em sua filha: seu pensar objetivo, conseqüentemente, inclina-se pela lógica de totalidade objetiva, lógica da história, dialética. Ante esta constatação objetiva, seu pensar "subjetivo" recusa-se a se exercer como pensar-se projeto, que outra coisa não é que projeto-de-drástica-intervenção em seu próprio vir-a-ser objetivo. Fazê-lo seria atentar contra si própria. Assim, o pensar feminino, subjetivamente, insiste em se manter na Lógica da Diferença, alternando-se entre seus dois modos, Lógica do Paradoxo e Lógica Intuicionista.

Anti-simetricamente, o masculino não tem futuro objetivo. Qual de nós homens não se sente desagradavelmente, diríamos mesmo, tragicamente impactado ao tomar conhecimento do papel acessório dos

zangões no processo reprodutivo das abelhas?

A afirmação objetiva do masculino exige a espacialização do real, mais que isso, uma espacialização fechada, vale dizer, sua sistematização. É necessário que a realidade torne-se geometria; seu próprio falo — ou qualquer de suas tantas metáforas, particularmente a barra de platina iridiada entronizada no Museu de Pesos e Medidas de Paris — deve instituir-se como o instrumento de medida de todas as coisas. Em outras palavras, a sobrevivência objetiva do masculino exige que se aprisione a realidade num pensar lógico clássico, pensar comprometido de um lado, com o terço excluso, delimitador do um universo, ainda que arbitrário, de outro, com a mumificação do vero princípio da identidade, por conseqüência, com a eliminação da consciência e da temporalidade. Correlatamente, sua cabeça precisa privilegiar o ser-projeto, projeto de mumificação de todo vir-a-ser, projeto de sistematização total da realidade; seu pensar "subjetivo", por conseqüência só se assume lógico transcendental.

A Lógica da Subjetividade, vista como síntese da Lógica Transcendental e da Lógica Clássica é pois o modo de visar a realidade como ser-subjetivo-masculino; a síntese da Lógica da Simples Diferença com a Lógica Dialética se afigura, anti-simetricamente, como o modo de visar a realidade como ser-subjetivo-feminino.

Tanto cada uma destas sínteses, como a síntese de ambas (lógica subjetiva global) devem ser classificadas como lógicas da identidade em geral. Em suma, o eixo diagonal da Figura 2, como disse

mos, é de maior relevância antropológica, pois, é ele que esta tui a base lógica da discriminação bio-lógica do feminino e do masculino, processo este necessariamente prévio ao estabelecimen to da estrutura social de dominação do primeiro pelo segundo.

Lacan, afirma que masculino e feminino são modos de inserção no discurso, diríamos nós, na discursividade. A afirmação que a princípio soa estranha, deixará de fazê-lo se observarmos, tal como foi feito no item 1.5 precedente, que a lógica da discursi vidade coincide com a lógica do ser-subjetivo em sua globalida de.

3 - TEMAS SUPLEMENTARES

Entre a imensidão dos temas suplementares envolvendo a lógica, tomaremos apenas três pertencentes ao grupo daqueles que poderíamos genericamente denominar "Lógica e X" onde X pode ser qualquer. Os três aqui escolhidos são os que mais diretamente interessam à compreensão do nosso trabalho *Informática e Cultura* | 9 |; eles são, pela ordem, Lógica e Ideologia, Lógica e História, e por fim, Lógica e Teologia.

Da mesma classe de temas, alguns como Lógica e Matemática, são de primordial importância, mas ficam para um outro trabalho der maior fôlego e escopo mais amplo do que o presente.

3.1 - LÓGICA E IDEOLOGIA

Há uma variada gama de conceituações do que seja Ideologia ou discurso ideológico: discurso comprometido com determinado inte

resse de grupo ou classe, discurso utópico, cuja verdade não pode ser atualmente comprovada pois é proposta de instauração de uma nova verdade, discurso que antecede o discurso científico, e tantas outras.

Retenhamos a última das conceituações acima listadas. Nesta acepção o discurso ideológico se define em oposição ao discurso científico sendo este último aquele que chega a cernir ou visar seu objeto específico. Se aceitarmos a premissa que pensamento e realidade se correspondem de modo estrito, pode-se concluir que a instauração de uma determinada ciência (de um objeto) é concomitante à colocação em operação de uma determinada lógica ou modo de pensamento. Historicamente podemos verificar isto: a idéia (conceito) é "co-nascente" à Lógica Dialética platônica, o Ser-fenomênico é "co-nascente" à Lógica Transcendental husserliana, a história nasce junto à dialética hegeliana, etc.

Poder-se-ia assim, de uma forma sumária, dizer que é ideológico todo discurso cujo nível lógico seja discrepante do nível lógico próprio do objeto visado?

Acreditamos que não. É possível o discurso manifesta e conscientemente redutor, vale dizer, aquele que resulta de visar um objeto com um pensamento de nível inferior àquele próprio do objeto visado. Isto é válido tanto como aproximação, mas principalmente pelos seus aspectos pragmáticos (medicina somática, por exemplo). O discurso cuja lógica transcenda o nível próprio do objeto, em contraposição, caracterizaria uma pura alucinação. Que

ficaria então para o discurso ideológico? Diremos que o discurso cuja lógica venha discrepar inintecionalmente do nível onto-lógico do "objeto" visado; deve-se notar que a "inconsciência" de tal decalagem só se justifica por uma pré-absolutização da lógica operante.

Porque tal acontece com tanta freqüência? Porque, a rigor, para o mundo humano, não é possível "objetivar" uma lógica que dele possa dar conta; em conseqüência exige-se do sujeito uma atitude estratégica vigilante. Isto cansa, inquieta e a saída para muitos é a solução drástica de assumir, aprioristicamente, um partido lógico estável.

Podemos pois afirmar de um modo geral que o discurso ideológico é aquele que absolutiza um ou qualquer sub-conjunto próprio das lógicas básicas.

3.2 - Lógica e História

O tema Lógica e História pode ser enfocado sob duas perspectivas simétricas: a primeira na direção Lógica → História, vale dizer, pela colocação da pergunta pela Lógica da História; a segunda, inversa, perguntando-se pela História da Lógica.

À primeira destas questões Hegel proporcionou-nos a resposta clara e definitiva: a História tem uma lógica própria, só o pensamento dialético é capaz de visá-la com propriedade. Isto pode ser compreendido de múltiplas maneiras. Uma, seria que a conjuntura

(situação, corte) só é o que é como produto de uma abstração, dito de modo mais sintético, ele simplesmente é e não é. Ele é, e, ao mesmo tempo, traz em si sua própria negação, de modo que ao cabo, sinteticamente, torna-se a unidade de sua presença a de sua própria negação. Outro modo mais intuitivo de compreender isto é dizer que não haveria história sem a unidade dos projetos individuais (de pessoas, grupos ou classes), e que ao mesmo tempo, estes projetos confluissem conflitivamente de sorte que o evento histórico acabe por constituir-se numa síntese (unidade) da unidade (dos projetos individuais) e de sua confrontação (diferença). A História não é feita por nenhum homem, grupo ou classe, mas estes são seus agentes necessários. Elas fazem a História sem o saber, diria Marx.

A segunda questão é bem mais complicada e, como veremos adiante, vem se imbricar com a primeira.

Temos que distinguir inicialmente História do Lógico da História da Lógica em Geral, e ainda, de uma História da Lógica Assumida.

A História do Lógico, exclusive de sua radicação numa Onto-Teo-logia, restringe-se à história da evolução do sistema nervoso central, dos pré-cordados ao homem, ou, vista de modo mais abrangente, do "big-bang" ao homem.

A História da Lógica Assumida, é a história da tomada de consciência ou explicitação do funcionamento do sistema nervoso central, vale dizer, é uma história da infra-estrutura lógica da

cultura (de Israel a nossos dias).

Há uma História da Lógica Geral, abrangente (cobrindo o período desde a aparição do homem até nossos dias), considerando não só a tomada da consciência explícita do funcionamento lógico, mas também incluindo toda sorte de manifestação arquetípica das lógicas; ainda uma história da infra-estrutura lógica da cultura porém como um contraponto entre as lógicas assumidas e as lógicas não-assumidas ou reprimidas.

Neste ponto surge um sério problema: se a lógica humana é uma lógica de unidade (síntese) da simples unidade, da diferença, da unidade da simples unidade e da diferença (dialética) e de diferença da diferença e a lógica da história é a Lógica Dialética, como poder-se-á conceber uma história da subjetividade (pessoal ou social) como tal? Se a Lógica Dialética se pretende uma lógica da totalidade como é possível que ela dê conta de algo que lhe excede?

Esta situação paradoxal bem se expressa na seguinte citação de Moltmann | 6 | em *Teologia da Esperança*:

> *O homem não se encontra 'acima' da História, de modo a poder abranger a totalidade do mundo, nem está inteiramente 'dentro' da história, de modo a não poder ou não dever interrogar sobre a totalidade e o escopo da História, sendo tal questão sem nenhum sentido. Ele ao mesmo tempo está 'dentro' da História e 'acima' de His*

> *tória. Ele exprime a História pelo 'modus' do ser e pelo 'modus' do ter. Ele é histórico e tem história.* (pg. 331).

Mais adiante enfatiza:

> *Ele (o homem) está ao mesmo tempo dentro da História e acima dela e deve levar adiante a sua vida e seu pensamento dentro desta situação dialética e excêntrica.*

Situação paralela ocorre no âmbito do simbólico: como fazer com que o discurso venha se dar como signo? O signo está por "dentro" do discurso ao mesmo tempo que está acima, quando se exige que o próprio discurso como um todo tenha um sentido.

Uma conseqüência inexorável disto é que toda filosofia da História leva ao paradoxo de se querer buscar o fim da História na própria História, vale dizer, a uma escatologia imanente. Voltemos ao mesmo Moltmann:

> *Assim a aporia da filosofia da História deve ser vista no fato de que este "fim da história" é buscado 'dentro' de História. A filosofia da História dos tempos atuais tem, na realidade, o caráter de um quiliasmo (milenarismo) filosófico, racionalista: finalização da 'História dentro da História' eis seu escopo, como já no antigo quiliasmo religioso.* (pg. 312)

Tudo, em resumo, se reduz a um problema lógico: se a dialética é parte em relação à lógica do Homem como subjetividade, como se pode pensar o Homem dentro dos limites da História?

A partir do surgimento da pessoa ante si mesma, vale dizer, da auto explicitação de sua lógica, a História deixará, necessariamente de ser História da Totalidade como o foi até Hegel. A partir de então existirão muitas Histórias, Histórias de aspectos parciais do Ser-Subjetivo Pessoal ou Social, como por exemplo, História Política, História Econômica, mesmo uma História de Cultura que porém não mais coincidirá com a História do Espírito ou Idéia auto-desvelando-se, dada a constatação da definitiva impossibilidade da Lógica Dialética sobrepor-se à lógica do homem já dono de sua subjetividade integral.

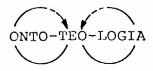
O ponto de ultrapassagem, consequentemente de crise, tanto lógica como histórica, é portanto Hegel, para quem o Homem foi reduzido ao espírito (conceito), ao mesmo nível lógico da História. Depois de Hegel, a ação política em favor do Homem, tornou-se inexoravelmente sub-versão (do inconsciente, como bem percebeu Kierkgaard).

4.3 - LÓGICA E TEOLOGIA

Pode, à primeira vista, parecer estranha a aproximação a que se propõe o próprio título deste item. Tentaremos mostrar que, pelo contrário, tal aproximação é não só "natural" como também necessária à compreensão relativamente autônoma de cada um destes

dois "saberes", diríamos melhor, de suas respectivas verdades.

Ao considerarmos a simples noção de Teologia topamos de pronto com uma grave dificuldade: que pensamento (logos-logia) seria capaz de visar ou produzir Deus (Theos), como argumento para que assim se pudesse chegar a consecução de uma verdadeira Teo-logia? Este termo, se bem notarmos, apresenta uma flagrante assimetria: se aceitarmos como correta a afirmação de uma estrita correspondência entre pensamento e realidade tal como enfatizada no Capítulo 1 chegaríamos à conclusão ser necessário um Logos Supremo para poder visar o Ser Supremo. Não estando o primeiro ao alcance do homem, todo o esforço teológico não passaria de vã empreitada, só o próprio Deus seria capaz de uma verdadeira Teologia.

Abrimos aqui um parêntese para dizer que a dificuldade não é intransponível. A aproximação desejada entre Theos e Logos que viabilizaria uma Teo-logia coerente é possível sob duas severas condições. A primeira que a aproximação se faça no âmbito de uma estrutura simétrica tríplice a saber ONTO-THEO-LOGOS, a segunda é que se postule que é justo de "Theo" que "Onto" (realidade) e "Logos" (pensamento) procedem e nele necessariamente hão de dissolver-se. A rigor, uma simples Teo-logia, na esteira de outras logias (Geo-logia, Bio-logia, etc.), não passa de uma ingênua analogia; nos é acessível apenas e aproximativamente uma

a ser lida tal como indicam as setas.

O termo Onto-Teo-Logia aparece em Heidegger numa acepção francamente depreciativa visando caracterizar toda a Metafísica Ocidental, particularmente de Platão a nossos dias.

Heidegger, sempre perspicaz, nos faz notar que a Metafísica do Ocidente escamoteia a questão originária do ser (Onto-Logia) pondo em seu lugar uma distorcida ONTO ◄— TEO = LOGIA (parcial). A fórmula parece-nos dizer tudo: partia-se de uma indevida identificação de um pensamento parcial a Deus e absolutizava-se este par idêntico fazendo-o prevalecer unilateralmente sobre a realidade. Em suma, toda metafísica não era mais que uma abusiva absolutização do pensamento humano manifestamente limitado. Nostalgicamente, propunha-nos Heidegger, resignarmo-nos a uma "humanamente limitada" e simples ONTO-LOGIA como a haviam concebido os primeiros filósofos gregos.

Sinteticamente, podemos concluir este parêntese dizendo que a aproximação Lógica e Teo-logia só aparentemente constitui uma dificuldade: a aproximação é óbvia na medida em que substituímos a incorreta Teologia por uma verdadeira Onto-Teo-Logia (lida conforme anteriormente indicado). Nestas condições Lógica (Logos, pensamento) tanto quanto Onto (realidade), relacionam-se simetricamente a TEO, tendo ambos neste seu necessário ponto de origem e destinação; esta é, pois a aproximação a que nos propunhamos neste item.

Entrementes, fica ainda de pé a observação heideggeriana, de sorte que, historicamente, a relação Lógica/Teologia aparece sob

uma outra ótica que poderíamos qualificar de simplória. Fato é que as culturas – e isto é válido também para indivíduos ou grupos – só alcançam determinado nível de desenvolvimento lógico explícito, mesmo considerando o horizonte limitado que lhes é facultado por constituição. Como conseqüência, sua capacidade de apreensão da realidade sofre igual nível de limitação. Nestas circunstâncias, a insistência destas culturas em aproximarem-se, pelo pensamento, do Ser-Supremo, acaba não passando de uma subreptícia "absolutização horizontal" daquela mesma realidade que lhes é facultado visar. Dizendo de outro modo: a passagem da realidade que lhes é própria,(determinada pelo seu nível de desenvolvimento lógico) à Realidade Suprema é feita por um pensamento limitado. Isto não quer dizer que não alcancem o Ser-Supremo, mas que na melhor das hipóteses vêem Dele apenas uma cota parte.

Na maioria das vezes, a Realidade Suprema nada mais é que a "Grande-Realidade" que envolve, topologicamente, suas pequenas realidades. As virtudes divinas são assim reduzidas às virtudes mundanas, sejam elas fenomênicas, objetivas ou mesmo humanamente subjetivas, levadas a um mero extremo quantitativo; dá-se tão somente uma pseudo elevação, absolutização horizontal, a rigor, nada mais que a absolutização de sua própria e limitada realidade. Olhando retroativamente, que constatamos? Que tudo se passa pela prévia absolutização de sua própria lógica.

Isto posto, é de se esperar que haja uma perfeita correspondência entre o nível de desenvolvimento lógico de uma cultura e a concepção que ela faz de Deus. Afora a modernidade, e os primór

dios pré-lógicos da Cultura, Lógica e Teologia numa dada cultura aparecem aos olhos do historiógrafo como primas irmãs.

4 - INDICAÇÕES ACERCA DA NATUREZA ARQUETÍPICA DAS LÓGICAS

A preponderância de uma das quatro lógicas de base ou de algumas de suas múltiplas possibilidades combinatórias pode servir para caracterizar tanto um tipo psicológico quanto um tipo cultural. Não podemos, contudo, esquecer que elas se afirmam como algo de inato, constitutivo mesmo de todo homem normal, razão pela qual, de um modo mais ou menos dissimulado, elas encontram sempre e universalmente um modo de se manifestar. Em suma, valendo-nos da linguagem jungueana, podemos dizer que as quatro lógicas básicas constituem-se numa estrutura arquetípica.

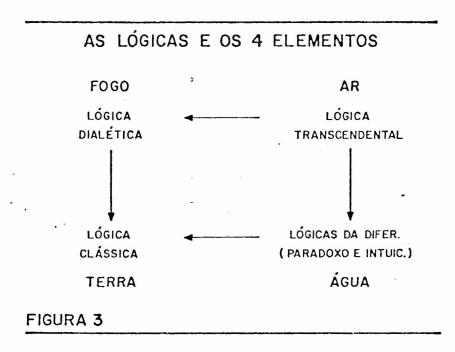
De passagem, assinalemos, a identificação dos modos lógicos com os arquétipos de Jung pode ser de modo geral defendida, o que por si, esclareceria a tão difícil questão do "status" ontológico destes arquétipos bem como as questões relativas a sua conservação e emergências.

Tomemos dois exemplos de manifestação arquetípica das lógicas de base. O primeiro deles refere-se aos imemoriais quatro elementos constitutivos do mundo.

Podemos, sem grande esforço de imaginação poética, estabelecer a correspondência entre os quatro elementos (ar, água, fogo e terra) e as quatro lógicos de base:

- Lógica Transcendental - AR
- Lógica da Diferença - ÁGUA
- Lógica Dialética - FOGO
- Lógica Clássica - TERRA

À Lógica da transcedência, da liberdade, do projeto só se pode associar o ar com sua total transparência, sua baixa densidade, sua capacidade de ilimitada expansão. À Lógica da Diferença, do inconsciente, da criatividade, somos quase que forçados a associar a água, com sua profundidade, sua capacidade de imiscuir-se em cada fresta, revelando-a. Ao fogo, que nos lembra luta, processo de purificação violenta pelo envolvimento de todos os contrários numa só labareda, somos levados a associar a Dialética. Por fim, à Lógica Clássica, da Diferença da Diferença, de todos os sistemas, hierarquias e nomenclaturas, resta-nos associar a terra, o espaço estruturado em quatro cantos, dos quatro ventos, do norte/sul e leste/oeste (Vide figura 3).

FIGURA 3

O segundo exemplo, refere-se aos signos zodiacais. Os famigerados doze signos que ainda hoje "governam" a vida de tanta gente, também derivam das quatro lógicas básicas, representantivas dos quatro elementos multiplicadas por uma outra estrutura arquetípica lógica mais elementar, desta vez ternária, que outra coisa não é, que o conjunto das Lógicas Transcendental (ou de identidade) da Simples Diferença e da Identidade de Identidade e da Diferença (ou Dialética), e que representa a "qualidade" ou o modo de se determinar de cada um dos quatro elementos.

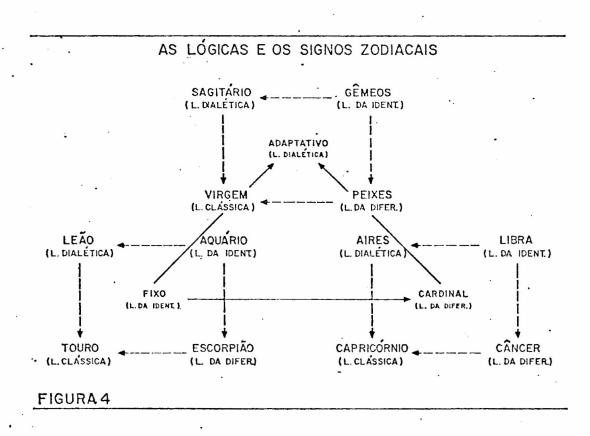
A correspondência da sub-estrutura ternária zodiacal com a estrutura arquetípica lógica é a seguinte:

Lógica Transcendental ou da Simples Identidade correspondente ao Tipo Fixo, o que se determina a partir de si mesmo; o resistente à mudança.

Lógica da Simples Diferença correspondente ao Tipo Cardinal, o que se determina pelo outro, o extrovertido, empreendedor.

Lógica Dialética correspondente ao Tipo Adaptativo, o que se determina ao mesmo tempo por si e pelo outro, o mutável.

Combinando esta estrutura lógica ternária com a estrutura tetrádica das lógicas básicas geramos automaticamente os doze signos do zodíaco como ilustra a Figura 4.

FIGURA 4

Embora os exemplos sejam inúmeros, ficamos por aqui na convicção que os dois casos acima considerados são suficientes para ilustrar a tese das manifestações arquetípicas das lógicas, bem como, da natureza lógica dos arquétipos centrais da cultura.

B I B L I O G R A F I A

|1| AXELOS, Kostas. *Contributiona la logique*, Paris, Ed. de Minuit, 1977.

|2| COSTA, Newton C. A. da. *Ensaio sobre os fundamentos da Lógica*. São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1980.

|3| HEGEL, G.H.F. *Precis de l'encyclopédie des sciences Philosophiques: la logique; la philosophie de la nature; la philosophie de l'esprit*. Paris, J Vrin.

|4| HEIDEGGER, Martin. *Que é metafísica*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1969.

|5| LACAN, Jacques. *O seminário (livro 20)*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

|6| MOLTMANN, Jurgeu. *Teologia da esperança.* São Paulo, Herder, 1971.

|7| PARKER, Derek y Julia. *El gran libro de la astrologia.* 3ª ed. Editorial Debate, 1982.

|8| SAMPAIO, Luiz Sérgio Coelho de. *As lógicas da diferença.* Rio de Janeiro, EMBRATEL, 1984.

|9| ______. *Informática e cultura.* Rio de Janeiro, EMBRATEL, 1984.

|10| SARTRE, Jean Paul. *L'être et le néant.* Paris, Gallimard, 1957.

|11| SPENCER - BROWN, G. *Laws of form.* N. York. F. P. Dulton, 1979.

|12| WEISS, Adolf. *Astrologia racional.* 6ª ed. Editorial Kier S.A. Buenos Aires, 1982.